

Os prolongamentos das hastes de base das letras e seus desdobramentos provocam uma estabilidade visual na composição. O “objeto” parece ter a parte inferior mais pesada, como se estivesse assentando na base do próprio muro.

O suporte (muro) recebeu uma base de tinta acrílica branca para cobrir inscrições antigas e valorizar o desenho atual através de um maior contraste entre figura e fundo. O contorno laranja complementa esse contraste, uma vez que o desenho (figura) é monocromático.

Aqui o efeito de tridimensionalidade é conseguido de forma mais sutil. Não foi utilizado o preto opaco, mas tons de cinza. Esse efeito que requer prática consiste em afastar o *spray* preto do muro e aspergir rapidamente. Pode-se encontrar características plásticas que aproximam a inscrição dos grafites em estilo *Wild style* mas na verdade, trata-se de um desenho híbrido.

Mais uma vez, é a sugestão de planos induzindo uma hierarquia das letras que indica o caminho para a leitura do desenho. A letra “F” distorcida, com o travessão central substituído por uma oval aparece em primeiro plano; logo depois, no sentido tradicional de leitura (esquerda-direita), aparece uma letra “a” minúscula também distorcida; a letra “e” surge invertida com seu vértice central sobre o “a”; a letra “L” mal aparece porque se encontra encoberta pelas letras anteriores, restando o seu prolongamento horizontal. Com o *tracking* muito justo, há ligaduras com partes de letras se sobrepondo a outras. Por fim, o numeral indicando que esse Fael é o primeiro, ou seja, o mais antigo, já que um novo grafiteiro de codinome Fael também inscreve nos muros da cidade, desde meados de 2005.

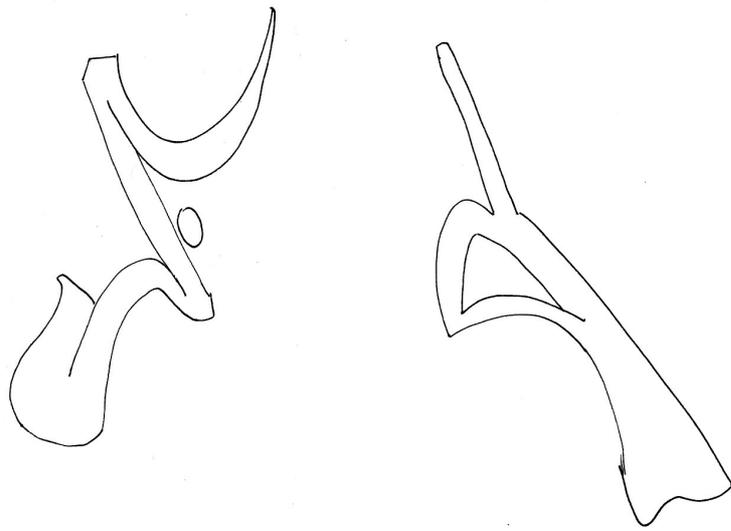


Figura 79. Esboços das letras “F” e “a”.

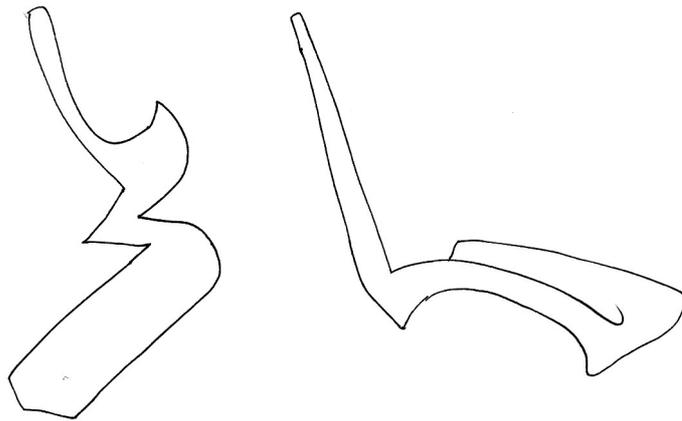


Figura 80. Esboços das letras “E” invertida e “L”

Graffiti: Teatro Urbano Escritural

Figura 81. Caligrafia. Fael

A letra caligrafada de Fael apresenta riscos sobrepostos, revelando que, mesmo na escrita cotidiana, há um encavalamento do desenho através de linhas sobrepostas (letras “f” e “c”). Isso acontece, como no graffiti, pelo traço característico de Fael ir numa direção e fazer a volta sobre o traço anterior. Mesmo nas letras arredondadas, como “a”, “o” e a base do “E” maiúsculo, percebe-se desvio da sinuosidade semicircular, formando sutis pontos angulosos. Como muitos entrevistados, Fael confidenciou que caligrafa pouco e, de tanto desenhar letras nas ruas, sua grafia cotidiana piorou. Em compensação, segundo ele mesmo, seu graffiti evoluiu através de repetidas inscrições.

5. Neuro.



Figura 82. Forte São Marcelo. Pista de *skate*. Neuro/Lee27

Neuro pesquisa grafites de maneira sistemática através de internet, revistas e livros. Define seu estilo como *wild style* (ver figura 65) onde letras se entrelaçam através de prolongamentos de suas hastes. Esse estilo, muito praticado em Nova Iorque no final da década de 80 e começo de 90, requer domínio e prática no manuseio da lata de *spray* e esboços anteriores. Devido ao caráter entrelaçado com *kern* em todas as letras, esse graffiti requer um tempo maior para sua execução e um elaborado jogo de prolongamentos das letras para uma dar origem à outra.

Percebe-se claramente que se trata de uma composição feita com letras. A dificuldade maior está em se identificar cada caractere. A legibilidade piora devido à presença de outro graffiti (em lilás, à direita), encavalando a inscrição assinada por Neuro. Com letras preenchidas de verde, os glifos de Neuro revelam aos poucos o conteúdo de cada desenho. A primeira letra, um “n” invertido, carece de *tracking* em relação à próxima letra, um “E”, que tem sua haste horizontal inferior prolongada para dar origem, logo depois à letra “U”. A letra “R” aproveita o desenho excêntrico da